A CIBERCULTURA E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (TIC) POR LIDERANÇAS INDÍGENAS COMO FERRAMENTAS DE RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL: OUTROS TERRITÓRIOS E ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA

CYBERCULTURE AND THE USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES (ICT) BY INDIGENOUS LEADERSHIP AS TOOLS FOR THE RECOGNITION OF CULTURAL IDENTITY: OTHER TERRITORIES AND SPACES OF RESISTANCE

CIBERCULTURA Y USO DE TECNOLOGÍAS DE INFORMACIÓN Y COMUNICACIÓN (TIC) POR LIDERAZGO INDÍGENA COMO HERRAMIENTAS PARA EL RECONOCIMIENTO DE LA IDENTIDAD CULTURAL: OTROS TERRITORIOS Y ESPACIOS DE RESISTENCIA

Maria Veirislene Lavor Sousa[1]
Programa de Doutorado em Ciências Sociais
Universidade de Salamanca-USAL
Salamanca, Espanha
veirislene@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2747-3161

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o uso das TICs, especialmente das redes sociais, por lideranças indígenas como ferramentas para o reconhecimento da identidade cultural. Nos processos interculturais, as TICs revelam-se como importantes ferramentas, que vêm fortalecer as relações educacionais, políticas, sociais e culturais no âmbito das comunidades indígenas, com potencial de ir além desse contexto, embora muitos ainda não tenham acesso a ele na atual sociedade brasileira, principalmente as minorias étnicas, pois muitas aldeias estão localizadas em cidades distantes e geralmente sem acesso à Internet. A partir do estudo, leitura e trabalho de campo sobre a relação do tema aqui proposto, que envolve as TICs, interculturalidade e identidade dos povos indígenas, surgiram as seguintes questões: como as TICs são utilizadas pelas lideranças indígenas visando ao reconhecimento da cultura dos povos originários? Quais as ferramentas ou plataformas utilizadas por eles para este reconhecimento de sua identidade étnica? Qual o papel das TICs no trabalho desenvolvido por esses indígenas? Para desenvolvimento da investigação, concentramos o embasamento teórico principalmente nas leituras dos seguintes pensadores:

1 Doutoranda do Curso de Ciências Sociais pela Universidade de Salamanca, Espanha.

Hall (2005), Freire (1979/1983), Fleuri (2005), Levy (1999) e Castells (1999). A metodologia adotada foi a pesquisa etnográfica, bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. Realizou-se ainda uma entrevista com um jovem estudante indígena, liderança da comunidade Pitaguary. Os resultados e as conclusões nos levam a refletir sobre a interculturalidade com dados positivos, pois os indígenas se apropriam e utilizam conhecimentos das TICs para reconhecimento da sua própria cultura, suas origens, sua história e herança nativa.

Palavras-chave: Povos indígenas. Identidade. Cibercultura.

Abstract: This paper aims to discuss the use of ICT, especially social media, by indigenous leaders as tools for the recognition of cultural identity. In intercultural processes, ICT reveal themselves as important tools, which aim to strengthen educational, political, social and cultural relations within the scope of indigenous communities, with the potential to go beyond this context, although many still do not have access in the current Brazilian society, mainly ethnic minorities, as many villages are located in distant cities and generally without access to the Internet. From the study, reading and fieldwork on the relation of the theme proposed here, which involves ICT, interculturality and the identity of indigenous peoples, the following questions arose: how ICT is used by indigenous leaders in order to recognize the culture of peoples originating? What tools or platforms do they use for this recognition of their ethnic identity? What is the role of ICT in the work developed by these indigenous people? For the development of the investigation, we concentrated the theoretical basis, mainly in the readings of the following thinkers: Hall (2005), Freire (1979/1983), Fleuri (2005), Levy (1999) and Castells (1999). The methodology adopted was ethnographic research, bibliographic and documentary research, with a qualitative approach. An interview was also conducted with a young indigenous student, leader of the Pitaguary community. The results and conclusions lead us to reflect on interculturality with positive data, since the indigenous people appropriate and use ICT knowledge to recognize their own culture, their origins, their history and native heritage.

Keywords: Indigenous peoples. Identity. Cyberculture.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir el uso de las TICs, especialmente las redes sociales, por parte de líderes indígenas como herramientas para el reconocimiento de la identidad cultural. En los procesos interculturales, las TICs se revelan como herramientas importantes, que apuntan a fortalecer las relaciones educativas, políticas, sociales y culturales en el ámbito de las comunidades indígenas, con potencial para ir más allá de este contexto, aunque muchas aún no tienen acceso en la sociedad brasileña actual. principalmente minorías étnicas, ya que muchas aldeas están ubicadas en ciudades distantes y generalmente sin acceso a Internet. A partir del estudio, lectura y trabajo de campo sobre la relación de la temática aquí propuesta, que involucra las TICs, la interculturalidad y la identidad de los pueblos indígenas, surgieron las siguientes preguntas: ¿cómo las TICs son utilizadas por los líderes indígenas para reconocer la cultura de los pueblos originarios? ¿Qué herramientas o plataformas utilizan para este reconocimiento de su identidad étnica? ¿Cuál es el papel de las TICs en el trabajo desarrollado por estos pueblos indígenas? Para el desarrollo de la investigación, concentramos la base teórica, principalmente, en las lecturas de los siguientes pensadores: Hall (2005), Freire (1979/1983), Fleuri (2005), Levy (1999) y Castells (1999).

La metodología adoptada fue la investigación etnográfica, bibliográfica y documental, con enfoque cualitativo. También se realizó una entrevista con un joven estudiante indígena, líder de la comunidad Pitaguary. Los resultados y conclusiones nos llevan a reflexionar sobre la interculturalidad con datos positivos, ya que los pueblos indígenas se apropian y utilizan los conocimientos de las TICs para reconocer su propia cultura, sus orígenes, su historia y herencia nativa.

Palabras Clave: Pueblos Indígenas. Identidad. Cibercultura.

Data de recebimento: 03/11/2020
Data de aprovação: 20/12/2020

1 - INTRODUÇÃO

Por que discutir e refletir sobre os espaços de resistência indígena nas redes sociais? As questões e os debates em torno da temática tornam-se essenciais e devem ser aprofundados, principalmente neste atual momento histórico, no qual os povos originários sofrem cada vez mais os efeitos violentos da invisibilidade dos meios de comunicação de massa tradicionais, amargam as dores do contágio galopante da pandemia de Covid-19, além de tantas situações impostas por causa da vulnerabilidade social e perigos de morte aos indígenas, tanto no meio rural, em suas aldeias, terras e territórios, como no meio urbano, em todo o Estado brasileiro. Os povos originários estão à mercê do descaso do governo federal, da perseguição e exploração de garimpeiros, de invasores, de latifundiários, de exploradores e extrativistas, além da mão do sistema, dos grandes capitalistas e interesses obscuros, o que gera mais instabilidade sobre seus modos de subsistência e dá vigor ao genocídio galopante.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo geral promover uma discussão sobre quais são os espaços nas redes sociais utilizados pelos povos originários e demais instituições engajadas neste caminho, que buscam usar as ferramentas dispostas na cibercultura, destacando os discursos em prol do reconhecimento da identidade cultural, do autorreconhecimento, dos direitos indígenas, além de denunciar crimes e resistir diante de imensos desafios, com toda a riqueza de sua diversidade. A reflexão proposta busca também dar mais visibilidade ao tema e promover o fortalecimento da própria causa indígena.

Apresenta como objetivos específicos: elencar as tecnologias utilizadas pelos indígenas para reconhecimento da identidade; identificar algumas importantes lideranças indígenas autores (as) desse trabalho, suas ferramentas ou plataformas mais utilizadas nas mídias sociais e elementos presentes nos conteúdos publicados.

O uso e domínio das Tecnologias da Informação e da Comunicação pelo homem indígena, enquanto ser contemporâneo que é, pode oferecer a ele inúmeras linguagens, sons, imagens, etc. que provocam estímulos aos adultos, porém especialmente aos jovens e crianças, pois promovem experiências sensoriais muito estimulantes. Sem desmerecer, obviamente, a cultura do livro, o texto em papel, a escrita e outras tecnologias, as TICs promovem uma cultura visual de envolvimento imediato, de consumo, de interação, que fundamenta um novo

modo de pensar, de interagir, que fazem parte da era da informação e do conhecimento, do conhecimento coletivo.

Ao pensar a temática do uso das TICs, sob a ótica da interculturalidade e da identidade indígenas, além da busca por leituras que permeiam o tema, surgiram algumas questões: como as TICs são utilizadas pelas lideranças indígenas visando ao reconhecimento da cultura dos povos originários? Quais as ferramentas ou plataformas utilizadas por eles para esse reconhecimento de sua identidade étnica? Qual o papel das TICs no trabalho desenvolvido por esses indígenas? Os resultados nos levam a refletir sobre aspectos positivos da interculturalidade, pois os líderes indígenas pesquisados se apropriam de maneira positiva e utilizam conhecimentos das TICs para valorização da sua própria cultura, suas origens, sua história e herança nativa.

A metodologia adotada é a pesquisa etnográfica, além da pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. Realizou-se entrevista através de questionário com 05 (cinco) perguntas para um jovem indígena que vive em Fortaleza, porém liderança atuante na aldeia Pitaguary e legitimado em todas as outras do estado do Ceará.

Para embasamento teórico, destacamos como principais autores: Hall (2005), Freire (1979/1983), Fleuri (2005), Levy (1999) e Castells (1999), dentre outros citados no referencial teórico.

Esta investigação justifica-se pela importância e necessidade constante do debate e visibilidade sobre temas ligados às minorias étnicas, além de trabalhos efetuados sobre as TICs, pelo interesse pessoal e profissional, enquanto socióloga e estudante na linha de antropologia, da Universidade de Salamanca – USAL, na Espanha.

Os resultados nos levam à reflexão sobre a relevância do acesso ao uso das TICs pelos indígenas, essencialmente para esta população que, ao longo do tempo, vêm lutando por reconhecimento da identidade étnica, autorreconhecimento, luta por terra e luta contra a invisibilidade. As considerações do estudo revelam aspectos positivos da interculturalidade, sobretudo para fortalecimento da própria cultura indígena, além de apresentar pistas para novos caminhos e reflexões futuras.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os principais teóricos para embasamento deste trabalho foram Hall (2005) e Fleuri (2005), com leituras importantes que contribuem sobre a interculturalidade e a identidade, além de Paulo Freire (1979, 1983), Lévy (1999) e Castells (1999), que dialogam com este trabalho sobre a educação e Tecnologias da Informação e da Comunicação.

Na obra Educação e Mudança, Freire (1979) estabelece, com clareza, a relação entre humanidade e tecnologia, e afirma tal necessidade e novo olhar, quando diz:

> "(...) se o meu compromisso é com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa (FREIRE, 1979, p. 22).

Freire (1979) esclarece ainda que não há nenhuma dúvida "do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e adolescentes das classes sociais chamadas desfavorecidas" (p.87). No sentido mais freireano, o uso das tecnologias também propõe uma superação da própria classe oprimida, pois fortalece sua resistência e luta. Freire (1983, p. 52) traz importante reflexão sobre esta libertação:

> Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua "convivência" com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (...). A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, "ação cultural" para a liberdade, por si mesmo, ação com eles.

Nesse sentido, o povo indígena, oprimido há séculos, precisa preservar sua cultura para sua própria sobrevivência, numa sociedade dominada por preconceitos e racismo, onde se negam direitos das minorias, procura-se apagar historicamente e invisibilizar as culturas não hegemônicas. E consequentemente, num mundo globalizado, este processo requer acesso ao conhecimento, à ciência e à tecnologia, para que se possa fortalecer os processos identitários, entre tantos outros.

No processo intercultural, além do reconhecimento de valores de outra cultura, deve ser fortalecido o da própria cultura indígena e da identidade dos povos originários, sabendo-se que a tecnologia serve para manipular, mas também para informar e transformar.

Hall (2005, p. 10) afirma que é:

> "a identidade realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência do momento do nascimento. (...) Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada".

Portanto, para o autor acima citado, deve-se falar em identidade como algo sempre inacabado, processual, assim, no caso, ao falar em identidade, deveria falar-se em "identificação". No sentido de preservar identidades e diversidade, surge o conceito de interculturalidade, que propõe um conjunto de saberes propostas para uma convivencia democrática, sem anular as diferenças étnicas, sobre as quais Fleuri (2005) reforça que esta proposta intercultural fomenta "o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos".

Sobre a importância do uso das TICs e seu acesso pelas minorias, revisitando a obra de Lévy (1999, p.196), lemos:

> [...] acesso para todos sim! Mas não se deve entender por isso um acesso ao equipamento, a simples conexão técnica que, em pouco tempo, estará de toda forma muito barata (...) devemos antes entender um acesso de

> todos os processos de inteligência coletiva, quer dizer, ao ciberespaço como sistema aberto de autocartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação nos saberes. A perspectiva aqui traçada não incita de forma alguma a deixar o território para perder-se no "virtual", nem a que um deles "imite" o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro.

Percebe-se que os indígenas, conscientes sobre suas territorialidades, que envolvem terras de suas aldeias, territórios sagrados, seus corpos e outros espaços, estão cientes que precisam ter acesso à tecnologia, em especial uso das TICs neste mundo globalizado, para reforçar valores culturais, informar, sobreviver, resistir, ter espaços nas mídias, ter visibilidade, lutar por direitos e esclarecer outras comunidades, além da sua própria, de seus parentes e se apropriar de outros territórios e espaços, que também são reforçados por questões de direitos legais ao seu acesso.

A apropriação e o domínio técnico sobre as TICs fazem parte do processo do exercício da democracia. A produção do conhecimento individual e coletivo proporcionada pela cibercutura leva à socialização, à participação e pode promover a emancipação (LÉVY, 1999, p.30).

Castells (1999, p.461) também afirma que a Internet tem o potencial de gerar o mesmo tipo de efeitos, profundos, dramáticos e duradouros. Para o autor:

> É precisamente devido a sua diversificação, multimodalidade e versatilidade que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais.

Na sociedade informacional, a forma de gerar poder e riqueza tem como base a troca de fluxos informativos, na mobilidade e na capacidade de aceder, influenciar e partilhar este novo mundo, que se torna um outro tipo de território ou espaço global de informação, ideias e conhecimento.

2.1 - O AUTORRECONHECIMENTO DOS POVOS INDÍGENAS

A partir da Convenção 169 da OIT, houve avanços sobre as questões indígenas e luz sobre o critério de autodeterminação dos povos originários, segundo a qual "a autodeterminação se refere à possibilidade de essas populações gerirem seus próprios interesses, com vistas a possibilitar que seus direitos individuais e coletivos sejam reconhecidos" em vários âmbitos. Sobre esta autodeterminação, lemos também na Constituição Federal, Art. 232: "Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo" (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, para que exista a organização política indígena, eles devem se identificar como tal, ou seja, deve acontecer esta identificação pessoal sobre a própria identidade indígena, o sentimento de pertencimento a sua aldeia e, a partir desse processo de autorreconhecimento, fortalecer a luta por seus direitos, garantidos por lei.

Sobre o autoreconhecimento, o Art 1º da Convenção 169 (BRASIL, 2004) documenta que: "A consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção" Através desta convenção foi possível também lutar contra preconceitos estabelecidos na norma anterior de 1957, no caso a Convenção 107.

Assim, quando inseridos e incluídos neste contexto digital, muitos indígenas e suas comunidades são instigados a combater também estereótipos, promover respeito às diferenças, identidade cultural, autorreconhecimento, dar visibilidade à causa indígena, valorização das suas etnias e ter novas oportunidades para combater a exclusão, além de promoverem integração à vida social. Para Young (2006, p. 97), a inclusão digital pode ser considerada como "aprendizagem necessária ao indivíduo para interagir no mundo das mídias digitais, podendo não apenas saber onde encontrar a informação, mas também qualificá-la e torná-la útil para seu dia a dia", contribuindo de forma efetiva para o desenvolvimento social, intelectual, político, econômico e fortalecimento da cidadania.

3 - METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a pesquisa etnográfica, além da pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. Realizou-se entrevista através de questionário por email com 5 (cinco) perguntas subjetivas para um jovem estudante indígena, que reside em Fortaleza, porém é liderança atuante da etnia Pitaguary e legitimado em todas as outras do estado cearense. A aldeia dele chama-se Monguba e está localizada na cidade de Pacatuba, Estado do Ceará, Brasil.

Sobre o método etnográfico utilizado, Frehse (2011, p.35) afirma:

> Entendo a etnografia antes de tudo como maneira específica de conhecer a vida social. Sua peculiaridade: sua fundamentação existencial numa impregnação profunda, no pesquisador (em seu corpo e sua alma, em sua inteligência e sensibilidade), da imprescindibilidade da busca por aquilo que Eduardo Viveiros de Castro denominou 'diálogo para valer' com o Outro sendo o conhecimento forjado justamente a partir dos resultados desse diálogo.

Magnani (2009, p. 136) valida que:

> Também, a "sacada" na pesquisa etnográfica, quando ocorre – em virtude de algum acontecimento trivial ou não – só se produz porque precedida e preparada por uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva. Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a

> etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento, voltando à citação de Lévi-Strauss.

O método qualitativo descritivo selecionado para este trabalho foi obtido no contato direto do pesquisador com a situação estudada, a qual "enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes" (BOGDAN & BIKLEN,1994, p.16).

4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados são frutos das leituras e reflexão sobre os autores propostos no referencial teórico, pesquisa de campo com observação direta, indireta e realização de entrevista com um dos sujeitos envolvidos na temática.

Identificou-se, dentre as principais ferramentas ou espaços investigados, principalmente o uso do Facebook e Instagram, buscando elencar alguns perfis de lideranças indígenas mais conhecidas nacional e internacionalmente. Nesse caminho, destaca-se aqui a leitura dos conteúdos de três perfis que são referências dentro do movimento social indígena nos âmbitos local, nacional e internacional: o de Ailton Krenak, de Sônia Guajajara e Benício Pitaguary, sobre os quais discorremos a seguir.

AILTON KRENAK

Ailton Krenak nasceu em 1953, na terra indígena da etnia Krenak, situada em Minas Gerais, no município Resplendor, onde se localiza também o Rio Doce, considerado por ele próprio e demais indígenas como um parente, no caso, seu ancestral, um "avô". Os Krenak eram anteriormente chamados de Botocudos. Ailton é uma importante liderança intelectual e política dos povos originários, ele é ativista, ambientalista, filósofo e escritor, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, reconhecido nacional e internacionalmente, autor dos livros: "Ideias para adiar o fim do mundo", "Encontros: Ailton Krenak", "O lugar onde a terra descansa" e "A vida não é útil", dentre outros nos quais também participa, sendo eleito ainda intelectual do ano em 2020.

Teve atuação intensa na defesa dos povos originários desde os anos 1970, sobre as questões dos direitos humanos e direitos indígenas, com participação marcante na Assembleia Nacional Constituinte, que precedeu e resultou na Carta Magna Brasileira, a Constituição Federal de 1988. A partir da década de 1988, ele atua junto ao movimento social indígena, desenvolvendo muitas ações e atividades, participação em muitos eventos, entrevistas e documentários. Ganhou reconhecimento ainda através da Fundação da União dos Povos Indígenas, Aliança dos Povos da Floresta, Núcleo de Cultura Indígena, Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, dentre muitos outros que visaram sempre o fortalecimento da causa indígena e do movimento social indígena em sentido amplo, além de lutar pela implementação de políticas públicas em favor dos povos originários. Ele é o primeiro indígena literato premiado com o importante Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, em 2020, prêmio este que já contemplou

em sua lista nomes como: Luís da Câmara Cascudo, Cora Coralina, Caio Prado Júnior, Érico Veríssimo, Chico Buarque, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, entre tantos outros.

Nas redes sociais, Ailton utiliza o Instagram e Twitter, mas é na sua página pessoal do Facebook que concentra maior atividade, postando informações sobre o movimento indígena, sobre ecologia, meio ambiente, questões ligadas aos direitos humanos e indígenas e crimes de violação sobre os mesmos, divulga eventos nos quais ele participa e de outros ativistas, de pessoas de variadas etnias, questões sobre racismo, sobre política, filosofia, antropologia, sociologia, economia, etc., enfim, temas humanitários, sobre a natureza, sobre o Brasil e o mundo. Outra ferramenta que apresenta sua intensa atividade é o YouTube, onde encontram-se inúmeras participações em eventos, programas e documentários das mais variadas instituições, divulgados em muitos canais, embora o próprio Ailton não possua uma conta pessoal. Há vídeos de palestras para muitas universidades, além de fatos históricos, como sua participação na Assembleia Nacional Constituinte, citada anteriormente, sua história de vida contada pela Fundação Padre Anchieta/TV Cultura etc. Há um número considerável de entrevistas, com jornalistas da TV Cultura, editoras, pesquisadores, dentre tantos.

Ailton se revela um grande filósofo, considerado assim por muitos especialistas e pesquisadores da área, ligados a universidades. Ele é solicitado para muitos eventos, incluindo alguns no exterior, e não é à toa que seu livro "Ideias para adiar o fim do mundo" é um dos mais vendidos e traduzidos mundo afora.

Figura 1 – Rede social de Ailton Krenak



Fonte: Facebook, 2020.

SÔNIA BONE GUAJAJARA

Com nome público de Sônia Guajajara, nascida na etnia Guajajara, em 1974, na Terra indígena Arariboia, situada no Estado do Maranhão, ela tornou-se uma importante liderança para os povos originários, ativista de destaque que chegou à organização e coordenação do coletivo Articulações dos Povos Indígenas no Maranhão – COAPIMA, à Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – COIAB, e atualmente tem trabalho reconhecido nacional e internacionalmente como coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indigenas do Brasil – APIB. No ano de 2017 foi pré-candidata à Presidência da República e em 2018 torna-se a primeira indígena pré-candidata à vice-Presidência da República, na mesma chapa liderada por Guilherme Boulos do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, como candidato a presidente.

Sonia tem página pessoal no Facebook, no Instagran e no Twitter, onde expressa sua luta e atividades realizadas sobre várias questões ligadas aos direitos indígenas, incluindo muitos fatos de violação sobre estes em todo o Brasil, territórios, meio ambiente, questões ligadas a mulheres indígenas, ecologia, denúncia de crimes ambientais, violência e crimes sobre os povos originários. Em suas páginas, ela retrata seu extenso trabalho com voz ativa junto a muitas instituições internacionais, onde leva debates e denúncias de crimes cometidos sobre os povos originários brasileiros e dá-lhes visibilidade mundial, como em sua visita à Organização das Nações Unidas – ONU –, no Conselho de Direitos Humanos, em Nova Iorque, no Fórum Permanente da ONU – Organização das Nações Unidas para Questões Indígenas, teve participação em vários eventos ligados à causa para discutir e diminuir os impactos das mudanças climáticas, como as Conferências Mundiais do Clima (COPs), junto ao Parlamento Europeu e solicitou ajuda à causa a importantes personalidades, entre elas o Papa Francisco.

A ativista teve presença marcante em vários debates na Câmara dos Deputados e Senado Federal, transmitidos no YouTube, embora ela não tenha página nessa mídia social. Há também vários canais de algumas instituições, como a Mídia Ninja, Midia Índia, APIB e Conselho Indigenista Missionário – CIMI, nos quais é divulgado também o ativismo dessa importante liderança, além de muitas outras páginas de jornais, de revistas, com entrevistas, etc.

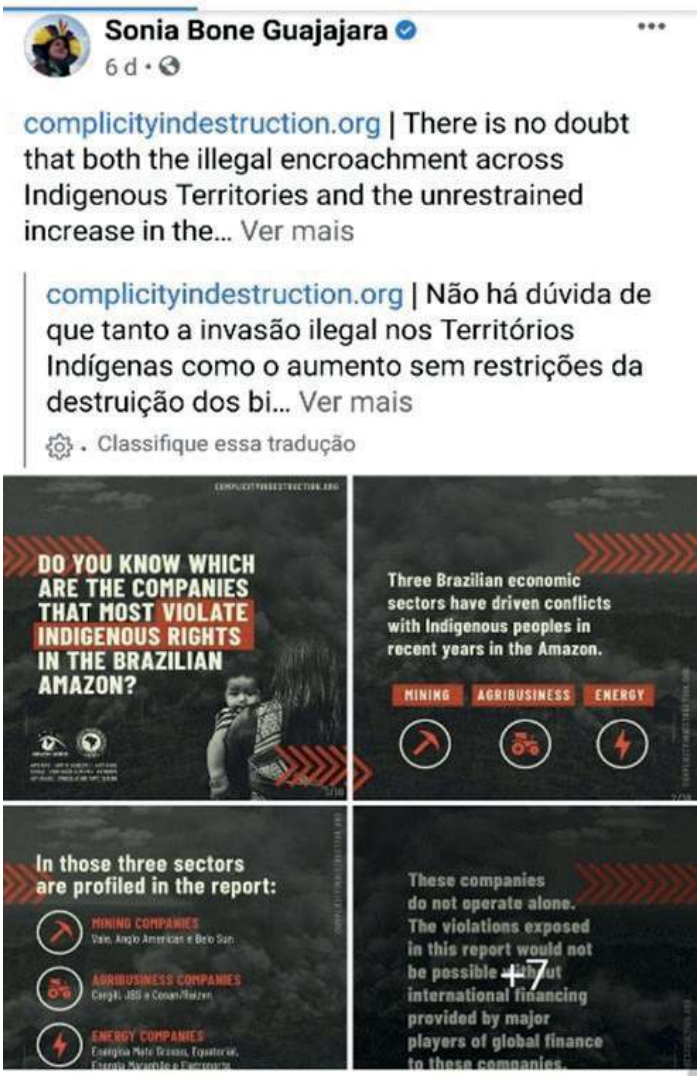
Sonia também teve participação ativa e ganhou destaque quando organizou e coordenou, em 2012, o Acampamento Terra Livre em 2012, em oposição ao evento Rio +20, na Cúpula dos Povos. Coordenou a ocupação do plenário da Câmara e do Palácio do Planalto e a Semana dos Povos Indígenas em 2013.

Figura 2 – Rede social de Sonia Guajajara



Fonte: Instagram, 2020.

Figura 3 – Rede social de Sonia Guajajara



Fonte: Facebook, 2020.

BENÍCIO PITAGUARY

Liderança indígena jovem da etnia Pitaguary, nasceu em 1993, é artista plástico, com especialidade em grafismo e pinturas corporais indígenas, com trabalho reconhecido nacional e internacionalmente, foi o primeiro indígena graduado em Geografia, pela Universidade Federal do Ceará – UFC e integrante do Laboratório de Geoecologia da Paisagem e Planejamento Ambiental – LAGEPLAN/UFC. Atua como conselheiro de cultura do Estado do Ceará, onde já participou com várias exposições de suas obras em espaços municipais e estaduais.

Benício foi voluntário do projeto Juventude Indígena Realizando Sonhos, que tinha como objetivo engajar jovens e adolescentes indígenas em ações culturais, educacionais e formativas. Ele mantém páginas pessoais no Facebook, Instagram, Twitter e um canal no YouTube, onde divulga e discute várias ações sobre a pauta indígena, decolonização,

informações de suas atividades, ações de outros indígenas e sobre seu extenso trabalho na área de grafismo, cultura indígena, suas oficinas, suas palestras em várias aldeias pelo Brasil, pelas universidades brasileiras e outras fora do país, como nas universidades do Canadá e instituições universitárias europeias, onde obteve destaque com seu trabalho de ilustração para matérias acadêmicos na Universidade da Columbia Britânica. Ele faz parte da equipe Mídia Índia, importante canal nas redes para a causa indígena, além de ter feito viagens junto à comitiva de Sonia Guajajara, quando marcaram presença na 24ª Conferencia de las Partes de la Convención sobre el Cambio Climático (COP24), que ocorreu em Katowice, na Polonia, no ano de 2018.

Esta importante liderança jovem para os povos originários, além de se destacar nas redes, participou de vários eventos, incluindo a Bienal do Livro, em suas duas últimas versões em Fortaleza, no Ceará, nas quais, pela primeira vez na história, teve montado um stand exclusivo para os povos originários cearenses, pensado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SECULT-CE, junto com articuladores do movimento indígena e com o Senhor Everthon Damasceno. Na Bienal do Livro de 2019, ele realizou apresentações e oficinas sobre grafismo, ilustração, artes gráficas, cultura indígenas e teve seu trabalho reconhecido ao ser convidado para fazer a logomarca do I Prêmio Culturas Indígenas, em 2019, organizado pelo Comitê Gestor de Políticas Culturais Indígenas, da SECULT-CE.

Figura 4 – Rede social de Benício Pitaguary



Fonte: Instagram, 2020.

Ao entrevistar a liderança indígena Benício Pitaguary, como anunciado na metodologia, questionou-se sobre quais ferramentas são utilizadas na Internet como recurso para reconhecimento da cultural indígena. Este indígena ativista nos afirmou que utiliza: YouTube, Instagram, Facebook e Twitter. Ele considera "que as mídias convencionais são elitistas e invisibilizam cada vez mais os povos indígenas" sobre a participação democrática em seus espaços, assim ele considera que a Internet é uma "ótima ferramenta para dar visibilidade" aos povos originários e, através do uso das TICs, pode denunciar uma série de crimes e "atrocidades sofridas por essas populações, dando protagonismo" aos povos indígenas para falarem deles mesmos "e também uma ótima forma de combater estereótipos, como de construir um pensamento descolonizador". O trabalho nas mídias é desenvolvido por ele através de vídeos no seu próprio canal do YouTube, sobre assuntos importantes para a causa indígena "e mostrando a realidade de algumas aldeias", as quais ele frequenta em eventos que participa. Ele também utiliza esses canais para "fazer conteúdo para indígenas desenvolvendo práticas e técnicas de pinturas corporais, além de posts no Facebook e Instagram "para divulgar notícias, eventos e programações indígenas". Sobre os temas mais abordados no seu canal, o indígena youtuber destaca aqueles relacionados a preconceitos, crimes ambientais, demarcação de terra e defesa de direitos indígenas. O estudante indígena revela ainda que sente necessidade de mais acesso a equipamentos, como uma câmera para os filmes e vídeos, além do smartfone, os quais poderiam melhorar seu trabalho educativo e cultural com as mídias digitais em relação à cultura indígena. O jovem acrescenta que, além dele, há outras lideranças jovens surgindo no Ceará, dentre outras pelo Brasil, que usam as redes sociais. Ele elenca canais importantes nas redes sociais para os povos originários, tais como o Mídia Índia e Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB.

Referindo-se às redes sociais e todos os perfis aqui dispostos, eles se constituem como outros territórios, representando ainda espaços de resistência, pois dão visibilidade ao movimento social indígena e sua causa, dentre outros fatores importantes. Eles buscam publicizar eventos pessoais e profissionais que envolvem a causa e sua luta por direitos humanos, direitos indígenas, os quais lhes são negados e suprimidos. A história da luta dos povos originários basicamente é por território, por suas próprias terras e travada de forma mais intensa e organizada a partir da Constituição Federal de 1988, há mais de 30 anos, uma causa legal sobre a demarcação de suas próprias terras, proteção dos seus territórios, direitos à saúde, educação, principalmente por sua cultura e diversidade, onde as diferenças sejam respeitadas, pois as políticas públicas para os indígenas não são cumpridas sob muitos aspectos e sempre se impuseram processos paralelos de uma integralização retrógada.

Em busca de justiça em prol da causa indígena, os ativistas em seus perfis nas redes denunciam crimes contra os povos indígenas e buscam a defesa pela diversidade, pela sobrevivência, enfim pela vida, e conforme retrata Krenak (2020) numa entrevista, acredita-se que "todos nós temos o direito de nascer em uma cultura que vive a experiência da vida mais livre dos controles sociais".

O uso das TICs para as comunidades indígenas revela um caráter cultural, mas também pedagógico e político, pois, além de fortalecer a identidade e autorreconhecimento, também enriquece o trabalho sobre a formação de lideranças e o trabalho pedagógico ligado

às comunidades em todo o país, dando ainda visibilidade nacional e internacional às quetões propostas, fortalecendo o reconhecimento da cultura indígena e também tornando-se canais efetivos de denúncias e crimes de violação dos direitos dos povos originários.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações nos levam a refletir e a reconhecer que as TICs têm papel importante e revelam seu caráter educativo e cultural dentro desse contexto, quando utilizadas para promoção do autorreconhecimento indígena e reconhecimento da própria identidade, através de seus canais. Atualmente, ainda são pouco utilizadas em muitas aldeias, devido às dificuldades de acesso impostas pela precariedade de recursos financeiros, de equipamentos, de conexão à Internet, de rede de telefone fixa, de telefone móvel e até de energia elétrica. No Ceará, ainda são poucos jovens indígenas que atuam de forma efetiva sobre o objetivo aqui investigado, porém as lideranças têm um trabalho mais ativo. Deve-se pensar também que muitos indígenas ao fazerem este trabalho de liderança, na luta pela causa, direitos e em defesa da vida, quando ganham mais visibilidade são vítimas de retaliação, perseguição e até assassinados em seus próprios territórios, principalmente no atual momento histórico, com o avanço das ideias fascistas, que acirram disputas e interesses.

Nos processos interculturais, que envolvem a causa dos povos originários, em foco nesta reflexão, as novas tecnologias revelam-se como importantes ferramentas, que fortalecem esta clareza sobre verdades invisibilizadas, fortalecem as relações educacionais, políticas, sociais e culturais não somente no âmbito das comunidades indígenas, pois têm potencial de ir além deste contexto, no caso para toda a população brasileira e noutros países. Embora muitos ainda não tenham acesso a elas e sejam excluídos digitalmente na atual sociedade brasileira, principalmente as minorias étnicas, pois muitas aldeias são localizadas em cidades distantes e geralmente sem acesso à Internet, mesmo assim, existem vários perfis dos povos originários, existe todo um movimento das lideranças e de jovens indígenas utilizando esses canais, além das instituições parceiras e aliadas.

Diante da discussão aqui proposta, surgem algumas pautas para trabalhos futuros, tais como sobre a necessidade de apropriação desses territórios pelos povos originários de maneira mais ampla, a ocupação de espaços na mídia convencional, o desenvolvimento do debate nas escolas regulares, no campo universitário, entre outros territórios. Ficam ainda outras questões para serem refletidas em trabalhos que virão: a causa dos povos originários, guardiões da natureza, das florestas, dos mananciais que o ser humano, com sua ganância e através do capitalismo selvagem só explora e destrói, deverá continuar a ser vista como uma causa à parte? Deverá continuar a ser isolada ou deverá ser apoiada por cada pessoa não indígena, como uma causa essencial pela sobrevivência do próprio homem e da humanidade que ainda resta? E neste percurso da humanidade, dentro do modelo capitalista, será o homem um ser em vias de extinção, como já profetizam alguns pensadores?

6 - REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

BRASIL. **Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho** - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, 2004.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999;

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. DP&A Editora, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A etnografia como prática e experiência**. Horizontes antropológicos. Vol.15, N.32, Porto Alegre, jul./dez. 2009.

FLEURI, Reinaldo Matias (2005). **Palestra Proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire**-2005.www.paulofreire.org.br/Textos/ fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura, educação e movimentos sociais no Brasil.** V Colóquio Internacional Paulo Freire. Recife, 19 a 22 de setembro de 2005.

FREHSE, Fraya. **Ô da rua**. O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

YOUNG, R. **A inclusão digital e as metas do milênio**. Inclusão social. v.1, n.2, p.96-99, abr/set. 2006.

KRENAK. Ailton. **O que as crianças aprendem ficando presas**? A fugir. Encontro Intergeracionalidade. Abril Indígena. [São Paulo], 02 mai. 2019. Disponível em: https://lunetas.com.br/ailton-krenak/. Acesso em: 10 set. 2020.

Webgrafia

FACEBOOK. Ailton Krenak. Disponível em: https://www.facebook.com/ailton.krenak.1. Acesso em: 02 set. 2020.

FACEBOOK. Benício Pitaguary. Disponível em: https://www.facebook.com/benicio.nascimento. Acesso em: 04 set. 2020.

FACEBOOK. Sônia Guajajara. Disponível em: https://www.facebook.com/GuajajaraSonia. Acesso em: 05 set. 2020.

INSTAGRAM: Ailton Krenak. Disponível em: https://www.instagram.com/_ailtonkrenak/. Acesso em: 05 set. 2020.

INSTAGRAM. Benício Pitaguary. Disponível em: https://www.instagram.com/beniciopitaguary/. Acesso em: 06 set. 2020.

INSTAGRAM. Sônia Guajajara. Disponível em: https://www.instagram.com/guajajarasonia/. Acesso em: 06 set. 2020.

TWITTER. Ailton Krenak. Disponível em: <https://twitter.com/ailtonkrenak>. Acesso em: 06 set. 2020.

TWITTER. Benício Pitaguary. Disponível em: <https://twitter.com/benny_pitaguary/>. Acesso em: 06 set. 2020.

TWITTER. Sônia Guajajara. Disponível em: <https://twitter.com/guajajarasonia/>. Acesso em: 07 set. 2020.

YOUTUBE. Ailton Krenak. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=ailton+krenak+. Acesso em: 08 set. 2020.

YOUTUBE. Benício Pitaguary. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCMde3zcWeLRiPRmeV1fOB5Q. Acesso em: 08 set. 2020.

YOUTUBE. Sônia Guajajara. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=sonia+guajajara. Acesso em: 08 set.